



CONHECIMENTO DE ESTUDANTES DE ENFERMAGEM SOBRE OS TRANSTORNOS AUTÍSTICOS

KNOWLEDGE OF NURSING STUDENTS ABOUT AUTISTIC DISORDERS CONOCIMIENTO DE ESTUDIANTES DE ENFERMERÍA SOBRE LOS TRASTORNOS DEL ESPECTRO AUTISTA

Ana Caroline Souza Saraiva Ferreira¹, Mariana André Honroato Franzoi²

RESUMO

Objetivo: analisar o conhecimento dos estudantes de Enfermagem de uma universidade pública sobre os Transtornos do Espectro do Autismo (TEA). **Método:** trata-se de estudo quantitativo, descritivo, realizado com 65 estudantes de graduação em Enfermagem. Coletaram-se os dados por meio de questionário, submetendo-os à análise estatística e apresentando-os em tabela. **Resultados:** evidenciaram-se os meios de comunicação como a principal fonte para a aquisição de informações sobre os TEA pelos estudantes. Apontaram-se, como principais alterações dos TEA, as dificuldades nas interações sociais, o comprometimento na comunicação e o uso da linguagem verbal e não verbal, além de altas habilidades cognitivas. Verificou-se que 90,8% não se sentem seguros para atender pessoas com TEA. **Conclusão:** conclui-se que os estudantes apresentam conhecimento razoável referente aos TEA, porém, com fragilidades importantes, principalmente, em relação aos sintomas e tratamento. Faz-se oportuno abordar sobre os TEA ainda na graduação, para que os estudantes de Enfermagem, futuros profissionais, tenham mais segurança e conhecimento para realizar um cuidado ético e baseado em evidências. **Descritores:** Transtorno Autístico; Estudantes de Enfermagem; Conhecimento; Educação em Enfermagem; Enfermagem Pediátrica; Enfermagem Psiquiátrica.

ABSTRACT

Objective: to analyze the knowledge of Nursing students of a Public University on Autism Spectrum Disorders (ASD). **Method:** it is a quantitative, descriptive study, carried out with 65 undergraduate students in Nursing. The data were collected through a questionnaire, submitted to statistical analysis and presented in a table. **Results:** the media was evidenced as the main source for the acquisition of information about ASD by the students. The main alterations of ASD were the difficulties in social interactions, the commitment in communication and use of verbal and non-verbal language, as well as high cognitive abilities. It was found that 90.8% did not feel safe to attend people with ASD. **Conclusion:** it is concluded that students present reasonable knowledge regarding ASD, but with important weaknesses mainly in relation to symptoms and treatment. It is appropriate to approach about the ASD still in the graduation so that the students of Nursing, future professionals, have more security and knowledge to realize an ethical and evidence-based care. **Descriptors:** Autisct Disorder; Students, Nursing; Knowledge; Education, Nursing; Pediatric; Nursing, Psychiatric Nursing.

RESUMEN

Objetivo: analizar el conocimiento de los estudiantes de Enfermería de una Universidad Pública sobre los trastornos del espectro autista (TEA). **Método:** se trata de un estudio cuantitativo, descriptivo, realizado con 65 estudiantes de graduación en Enfermería. Se recogen los datos por medio de cuestionario, sometidos al análisis estadístico y presentados en tabla. **Resultados:** se evidenciaron los medios de comunicación como principal fuente para la adquisición de informaciones sobre TEA por los estudiantes. Se señalaron como principales cambios del TEA las dificultades en las interacciones sociales, el compromiso en la comunicación y uso del lenguaje verbal y no verbal, además de altas habilidades cognitivas. Se verificó que el 90,8% no se siente seguro para atender a las personas con TEA. **Conclusión:** se concluye que los estudiantes presentan conocimiento razonable referente a los TEA, pero con fragilidades importantes principalmente en relación a los síntomas y tratamiento. Se hace oportuno abordar sobre los TEA aún en la graduación para que los estudiantes de Enfermería, futuros profesionales, tengan más seguridad y conocimiento para realizar un cuidado ético y basado en evidencias. **Descritores:** Trastorno Autístico; Estudiantes de Enfermería; Conocimiento; Educación en Enfermería; Enfermería Pediátrica; Enfermería Psiquiátrica.

¹Enfermeira, Departamento de Enfermagem, Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade de Brasília. Brasília (DF), Brasil. E-mail: anasouza532@gmail.com ORCID®: <http://orcid.org/0000-0002-7381-5812>; ²Mestra, Departamento de Enfermagem, Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade de Brasília. Brasília (DF), Brasil. E-mail: marianafranzoi@unb.br ORCID®: <http://orcid.org/0000-0002-6877-4753>

INTRODUÇÃO

Sabe-se que os Transtornos do Espectro do Autismo (TEA) são caracterizados por alterações qualitativas nas interações sociais recíprocas, no comportamento e na comunicação. Estima-se que 500 mil pessoas, no Brasil, apresentavam transtornos autísticos no ano de 2010, com maior incidência em pessoas do sexo masculino.¹

Reconhecem-se os TEA como transtornos relativamente frequentes e comuns na população, porém, não foi a epidemia que fez o autismo visível, mas, sim, a visibilidade do autismo que fez a epidemia.²

Percebe-se que os transtornos autísticos têm ganhado maior visibilidade e, com isso, conquistado uma maior relevância nos últimos anos, seja pela abrangência dos critérios diagnósticos atuais ou mesmo pela disseminação de informações por diferentes esferas da sociedade, principalmente, pela mídia e familiares vinculados a movimentos políticos e sociais que, além de ajudar na divulgação de informações, solicitam serviços especializados e apoiam a realização e a divulgação de estudos na área da saúde.¹⁻²

Salienta-se que essa visibilidade contribuiu para a formulação de políticas públicas e da linha de cuidado a ser prestada por profissionais de saúde capacitados e qualificados, inclusive, de enfermeiros, que se encontram à frente do cuidado integral dos usuários de saúde e apresentam probabilidade crescente de encontrar esses pacientes em ambientes de atenção à saúde.³

Configura-se o enfermeiro como parte da equipe multidisciplinar que atende o usuário com TEA, o qual deve ter conhecimento sobre a temática que engloba esse transtorno, uma vez que o mesmo se mantém constantemente próximo ao paciente, além de ser o responsável pelas consultas de avaliação e acompanhamento de crescimento e desenvolvimento infantil nas unidades básicas de saúde e ambulatorios.⁴⁻⁵

Espera-se, assim, que o enfermeiro identifique as diferentes necessidades por meio de planejamento de cuidado flexível e individualizado, que considere a aplicação de intervenções e tecnologias de Enfermagem e de metas possíveis e concretas, além de auxiliar os pais, quando se tratando de crianças recém-diagnosticadas, orientando-os sobre os desafios e cuidados à criança com TEA.⁴⁻⁵

Aponta-se, todavia, a insuficiência de conhecimento de profissionais de Enfermagem em relação à etiologia, à identificação de

sinais e de possibilidades terapêuticas à criança com TEA e à sua família, os quais referem receio e insegurança para lidar com crianças com TEA devido à falta de conhecimento, obtido por uma minoria em especializações ou estágios extracurriculares, o que revela que, nos ambientes acadêmicos de graduação em Enfermagem, pouco se estuda sobre o assunto.^{4,6-7}

Evidenciam-se prejuízos diante da limitação de informações e de conhecimento sobre os TEA, uma vez que, além de preconceitos e estigmas presentes na sociedade, onde se disseminam informações nem sempre coerentes com a realidade da pessoa com TEA, muitos casos de autismo podem passar despercebidos pelos profissionais de Enfermagem, o que pode dificultar a identificação precoce de sinais do autismo e, conseqüentemente, implicar em intervenções e encaminhamentos tardios.⁶⁻⁷

Espera-se que o enfermeiro esteja apto para atuar como agente educador junto à família, por meio de informações e orientações sobre o autismo, acompanhadas de apoio e compreensão perante dificuldades e sofrimentos da família relacionados ao processo diagnóstico e terapêutico, ainda mais diante da percepção evidenciada na literatura de que pessoas com TEA e seus familiares têm uma crença de que seus interesses e queixas não serão ouvidos ou reconhecidos pela equipe de Enfermagem, o que pode atrasar ou acarretar resistência na procura por serviços de saúde.³

Faz-se oportuna, a partir disso, a realização de pesquisas para identificar o conhecimento dos estudantes de Enfermagem sobre os TEA, ainda no contexto da graduação, de forma a suscitar discussões relacionadas à divulgação desse tema na graduação que contribuam para o desenvolvimento de estratégias que instrumentalizem os estudantes de Enfermagem durante sua formação para cuidar de pessoas com transtornos autísticos.

OBJETIVO

- Analisar o conhecimento dos estudantes do curso de Enfermagem de uma universidade pública sobre os Transtornos do Espectro do Autismo.

MÉTODO

Trata-se de estudo quantitativo, descritivo, realizado com estudantes de graduação em Enfermagem, nos meses de novembro a dezembro de 2017.

Ferreira ACSS, Franzoi MAH.

Conhecimento de estudantes de enfermagem...

Consideraram-se, como critérios de inclusão, estudantes devidamente matriculados na universidade e que estivessem cursando o 8º, 9º ou 10º semestres do curso de Enfermagem, pois estes já teriam concluído disciplinas que abordam conteúdos teóricos e a vivência prática na área de saúde mental e da saúde da criança. Elegeram-se, como critérios de exclusão, estudantes que estivessem afastados e/ou em licença prolongada durante a coleta de dados ou que deixassem uma ou mais questões do questionário em branco.

Coletaram-se os dados por meio de um questionário estruturado, que continha um total de 19 questões objetivas e contemplavam dados de caracterização dos participantes, conhecimento sobre etiologia, sintomatologia, tratamento, políticas públicas de cuidado à pessoa com TEA, além da autopercepção dos estudantes sobre o próprio conhecimento a respeito do tema e desejo em conhecer mais sobre os transtornos do espectro do autismo.

Entregaram-se os questionários, juntamente com os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, aos estudantes, no *hall* da Faculdade de Saúde, em horário distinto das disciplinas obrigatórias do curso e em data previamente agendada. Ofereceu-se o questionário dentro de envelope lacrado, o qual foi devolvido da mesma forma com o objetivo de evitar a identificação do participante.

Submeteu-se o projeto do estudo ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade de Brasília, o qual foi aprovado sob o número de parecer 2.331.565, e CAAE 76409617.0.0000.0030, atendendo aos preceitos éticos da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde em todas as etapas da pesquisa.

Codificaram-se os dados obtidos com dupla entrada em planilhas *Excel*, versão *Microsoft Office 2010*, os quais foram processados no *Software Action Stat*, versão 3, para a realização das análises estatísticas de cunho descritivo (média, desvio-padrão e frequências absoluta e percentual) e inferencial. Aplicou-se o teste Qui-Quadrado

de independência e adotou-se o nível de significância de 5%.

RESULTADOS

Totalizou-se o quantitativo de 71 estudantes das turmas dos três últimos semestres do curso de Enfermagem. Excluíram-se dois estudantes por motivo de licença prolongada, um por recusa em participar da pesquisa e três por deixarem questões em branco, resultando em uma amostra final de 65 participantes.

Revelaram-se, como características dos estudantes, a idade média de 23,6 anos (21-30, DP±2,1) e o predomínio do sexo feminino, com 90,8% (n=59). Verificou-se que 17 (26,2%) cursavam o oitavo semestre, 35 (53,8%), o nono semestre e 13 (20%) cursavam o décimo semestre; além disso, 32 (49,2%) participantes nunca tiveram contato prévio com pessoas com TEA e somente quatro (6,2%) tinham parentes ou familiares próximos no espectro do autismo.

Observou-se que 81,3% dos estudantes responderam que os TEA podem se manifestar de modo peculiar em uma mesma pessoa e/ou entre pessoas diferentes, enquanto 15,4% não souberam responder e apenas um participante (1,5%) marcou que não.

Evidenciaram-se os meios de comunicação como a principal fonte para a aquisição de informações sobre os TEA pelos estudantes, conforme disposto na tabela 1. Destaca-se que os participantes que marcaram a opção “outras fontes” especificaram-nas como sendo disciplinas optativas, família e pessoas conhecidas com o transtorno.

Ressalta-se que o número de marcações difere do número total de participantes, pois se tratou de uma questão em que os participantes poderiam marcar mais de uma opção, totalizando 162 marcações.

Tabela 1. Principais fontes de informação utilizadas pelos estudantes para adquirir conhecimentos a respeito dos transtornos autísticos. Brasília (DF), Brasil, 2018.

Fonte de Informação	n	%
Internet	40	24,7
TV, filmes e séries	35	21,6
Redes sociais	32	19,8
Literatura científica	16	9,9
Jornais e revistas	12	7,4
Atividades extracurriculares	10	6,2
Disciplinas do curso de Enfermagem	6	3,7
Outras fontes	4	2,5
Eventos Científicos	3	1,9
Nenhuma fonte	4	2,5

Especificaram-se, nas tabelas 2, 3 e 4, respectivamente, as respostas dos estudantes em relação à etiologia, à indicação do profissional ideal para a realização do processo diagnóstico e à sintomatologia dos

Transtornos do Espectro do Autismo. Enfatiza-se a possibilidade de os participantes terem assinalado até três das oito opções dispostas na tabela 4.

Tabela 2. Etiologia dos Transtornos do Espectro do Autismo conforme as respostas dos estudantes. Brasília (DF), Brasil, 2018.

Etiologia	n	%
Multifatoriais e complexas	35	53,8
Não souberam especificar	16	24,6
De natureza especificamente neurobiológica	7	10,8
Nas relações afetivas e parentais	4	6,2
De origem estritamente genética	3	4,6

Tabela 3. Profissional ideal para realizar o processo diagnóstico dos transtornos autísticos. Brasília (DF), Brasil, 2018.

Profissional	n	%
Equipe Multiprofissional	52	80
Psiquiatra	8	12,3
Psicólogo	2	3,1
Neurologista	2	3,1
Não soube responder	1	1,5

Tabela 4. Principais alterações relacionadas aos Transtornos do Espectro do Autismo, de acordo com as respostas dos estudantes. Brasília (DF), Brasil, 2018.

Alterações	n	%
Dificuldades nas interações sociais	59	32,1
Comprometimento na comunicação e linguagem	50	27,2
Altas habilidades cognitivas	27	14,7
Hiperatividade	21	11,4
Comportamentos e interesses restritos e estereotipados	16	8,7
Alterações motoras/musculoesqueléticas	6	3,3
Crises convulsivas	2	1,1
Não souberam especificar	3	1,6

Apresentam-se, na tabela 5, as respostas às questões referentes ao tratamento, diretrizes de políticas de saúde, autoavaliação e

autopercção dos estudantes a respeito do conhecimento que possuem sobre os transtornos do espectro do autismo.

Tabela 5. Distribuição das respostas das questões relacionadas ao tratamento, políticas públicas e autopercepção dos estudantes sobre o conhecimento na temática. Brasília (DF), Brasil, 2018.

Questão	n	%
No tratamento a pessoas com TEA recomenda-se que a escolha entre as diversas abordagens existentes considere sua efetividade e segurança e seja tomada de acordo com a singularidade de cada caso?		
Sim	61	93,8
Não	0	0
Não sei	4	6,2
O uso de psicofármacos desenvolvidos especificamente para os TEA é um dos principais recursos terapêuticos?		
Sim	8	12,3
Não	24	36,9
Não sei	33	50,8
No âmbito das Redes de Saúde, o atendimento à pessoa com TEA e sua família pode ocorrer desde as Unidades Básicas de Saúde, Ambulatórios, Centros Especializados em Reabilitação, Centros de Atenção Psicossocial a Unidades de Pronto Atendimento, serviços nos quais os(as) enfermeiros(as) estão inseridos(as)?		
Sim	46	70,8
Não	17	26,2
Não sei	2	3,1
A intersectorialidade no desenvolvimento das políticas e no atendimento à pessoa com transtorno do espectro autista, por meio de atenção integral às suas necessidades de saúde, são diretrizes que norteiam a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista?		
Sim	22	33,8
Não	1	1,5
Não sei	42	64,6
Você acredita que, durante a graduação, adquiriu conhecimento suficiente sobre o cuidado a pessoas com TEA?		
Sim	0	0
Não	65	100
Você sente-se seguro(a) para atuar com essa população nos diferentes contextos da saúde?		
Sim	6	9,2
Não*	59	90,8
Você considera os TEA um tema importante para ser abordado durante a graduação?		
Sim	65	100
Não	0	0
Você participou de curso, palestra e/ou seminário sobre o tema de TEA realizados por outras instituições, além da sua universidade?		
Sim	5	7,7
Não	60	92,3
Você gostaria de saber e conhecer mais sobre os Transtornos do Espectro do Autismo?		
Sim	64	98,5
Não	1	1,5

*Motivos alegados: falta de conhecimento, inexperiência e receio.

Encontrou-se, na análise inferencial, relação estatisticamente significativa entre as questões “você tem algum parente ou familiar próximo com TEA” e “o uso de psicofármacos desenvolvidos especificamente para os TEA é um dos principais recursos terapêuticos utilizados para pessoas com esse diagnóstico” (p-valor =0,026). Constatou-se que todos os estudantes que tinham parentes ou familiares próximos com TEA responderam corretamente à questão ao marcarem a opção de que não há psicofármacos desenvolvidos especificamente para os transtornos autísticos.

DISCUSSÃO

Atribui-se a predominância do sexo feminino entre os estudantes ao fato da Enfermagem ser uma profissão predominantemente feminina, que traz consigo, desde os primórdios, a segregação sexual do trabalho e questões de gênero,

enquadrando o cuidar como uma ação de estereótipo feminino.⁸

Tem-se a internet como uma das principais tecnologias de informação e comunicação. Sabe-se que a saúde é uma das temáticas mais pesquisadas na rede, pela grande disponibilidade e facilidade de acesso aos conteúdos *on-line*.⁹ Confirma-se, em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), de 2016, que a população estudantil foi quem mais utilizou a internet (81,2%), e, dentre as finalidades de acesso à internet, assistir a vídeos, inclusive programas, séries e filmes, foi a segunda mais apontada (76,4%), perfil também retratado neste estudo.¹⁰

Percebe-se a contribuição de vídeos, filmes e séries na propagação da temática em relação aos TEA, porém, há controvérsias a respeito da veiculação de informações por esses meios de comunicação, pois, ao passo em que contribuem para a sensibilização e conscientização a respeito dos TEA, por vezes,

Ferreira ACSS, Franzoi MAH.

Conhecimento de estudantes de enfermagem...

fortalecem ainda mais estereótipos e estigmas.¹¹

Sabe-se que as representações dos transtornos autísticos na tela têm potencial valor educativo, por representar os critérios de diagnóstico do transtorno, porém, à medida que contribuem para a propagação da temática, as representações individuais podem expor uma realidade altamente enganadora, pois é inviável representar, em um único personagem, a heterogeneidade da experiência autista, considerando a subjetividade e a singularidade de cada pessoa.¹²

Desvelou-se que a maioria dos participantes soube identificar os TEA como um transtorno de origem heterogênea e complexa, etiologia baseada no modelo etiológico multifatorial com regulação epistática, que atualmente é o mais aceito por explicar cerca de 80% dos casos de TEA.¹³

Destaca-se, ainda, que 6,2% dos participantes ainda relacionam a etiologia dos TEA à alteração nas relações afetivas e parentais, o que reflete uma crença antiga que se perpetua ainda nos dias de hoje. Sustentaram-se, historicamente, com base nos registros do psiquiatra austríaco Kanner e de teorias de inspiração psicanalítica, problemas na relação entre a criança e os pais como a etiologia do autismo; culpabilizava-se a família, em especial, as denominadas “mães geladeiras”, por não serem afetivas com seus filhos.¹⁴

Necessita-se, ao se tratar de alterações multifatoriais e complexas, que o diagnóstico de TEA seja realizado por equipe multidisciplinar, uma vez que envolve avaliação de diversas dimensões a ser realizada por diferentes especialidades por meio da formulação de projeto terapêutico individual.¹⁵

Compreendem-se, como papel mais importante da Enfermagem frente ao autismo em uma equipe multiprofissional, a identificação de sinais precoces, ações de educação em saúde e aconselhamento adequado às famílias em prol de um cuidado integral frente às fragilidades, dificuldades e sofrimentos da pessoa com TEA e de sua família.^{7,16}

Apontam-se “dificuldades nas interações sociais”, “comprometimento na comunicação e uso da linguagem verbal e não verbal” e “altas habilidades cognitivas” como as principais alterações referidas pelos participantes. Verifica-se que as duas primeiras respostas condizem com a tríade de comprometimentos do autismo, caracterizada

por alterações qualitativas nos domínios de interação social, comunicação e comportamento.¹⁷

Alerta-se, por sua vez, que a grande quantidade de marcações da opção “altas habilidades cognitivas” não está em consonância com a realidade, já que aproximadamente 70% dos indivíduos com autismo apresentam *deficit* cognitivo.¹⁷ Constata-se, entretanto, que as altas habilidades cognitivas são características recorrentemente associadas aos TEA e super-representadas em diversas séries e filmes, também conhecida como Síndrome de Savant, e manifesta-se por notáveis habilidades em uma determinada área - ilha de genialidade, que contrastam com o funcionamento geral dos TEA.¹⁸

Aponta-se uma prevalência de 46% de Savant representada em filmes e mídias televisivas que abordam o autismo, estimativa superior à da população real, já que a Síndrome de Savant está associada a apenas 10% dos indivíduos com TEA, ou seja, as mídias representam uma imagem equivocada, a respeito dos transtornos autísticos, ao generalizar uma exceção como sintomatologia principal.¹⁸⁻¹⁹

Entende-se que não há um método ideal para o tratamento dos TEA, pois se devem considerar as especificidades de cada caso, conforme referido por mais de 93% dos estudantes. Adotam-se diferentes abordagens terapêuticas no cuidado à pessoa com TEA, a exemplo do tratamento clínico embasado na psicanálise, tecnologias de abordagem comportamental como o *Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handicapped Children (TEACCH)*, métodos de comunicação suplementar e alternativa, recursos terapêuticos complementares e o tratamento medicamentoso.²⁰⁻²¹

Define-se, após a realização do diagnóstico e a classificação do grau do espectro do autismo, se há a necessidade da intervenção medicamentosa para controlar o quadro de sintomas, em especial, de problemas comportamentais graves. Consideram-se os antipsicóticos atípicos a classe farmacológica mais utilizada, com destaque para a Risperidona, além dos inibidores seletivos da recaptção de serotonina, antidepressivos, estabilizadores de humor e anticonvulsivantes.

Frisa-se que os psicofármacos não atuam diretamente na causa dos TEA, pois o autismo é de etiologia multifatorial, mas auxiliam no controle das desordens comportamentais, melhorando a qualidade de vida e promovendo um melhor convívio social.²²

Ferreira ACSS, Franzoi MAH.

Conhecimento de estudantes de enfermagem...

Sugere-se que a associação estatística entre o conhecimento adequado sobre a inespecificidade de medicamentos para os transtornos autísticos e estudantes que possuem familiares e parentes próximos diagnosticados com TEA se deva ao grau de envolvimento no cuidado dispendido a estes.

Espera-se que, independentemente da abordagem ou tecnologia adotadas no atendimento à pessoa com TEA e sua família, para garantir um cuidado integral, se realize o cuidado em Redes de Atenção à Saúde (RAS), constituídas pela articulação de serviços no âmbito da atenção básica, especializada e hospitalar, bem como de serviços intersetoriais, a exemplo da justiça, educação e cultura, de forma a construir um cuidado compartilhado entre esses diversos pontos de atenção e profissionais de diferentes áreas de formação e, assim, contemplar a pluralidade e a complexidade de cada sujeito com TEA e sua família.²⁰

Percebe-se, contrapondo-se a isso, que mais de 60% dos estudantes não souberam responder se a intersetorialidade é uma diretriz que norteia o atendimento à pessoa com TEA e o desenvolvimento de políticas, a exemplo da Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, instituída no ano de 2012, e a Linha de Cuidado para a Atenção às Pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde, instituída em 2013, que define os TEA como transtornos mentais e relaciona as ações de cuidado à rede de atenção psicossocial, em especial, os CAPSi, com o intuito de contribuir para a ampliação do acesso, além da qualificação da atenção às pessoas com TEA e suas famílias.²⁰

Estranha-se esse desconhecimento dos participantes, uma vez que a intersetorialidade não é uma diretriz restrita a políticas voltadas a pessoas com TEA, pelo contrário, é uma diretriz transversal a diversas políticas de saúde e redes de atenção à saúde como a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) e a Rede de Cuidado à Pessoa com Deficiência. Objetiva-se, com a intersetorialidade, sobrepujar a fragmentação das diversas áreas de atuação social, permitindo o diálogo entre instituições, governos e pessoas e auxiliando na formulação de políticas públicas que causem um impacto positivo na saúde da população.²³

Assinala-se que todos os participantes afirmaram não ter adquirido conhecimento suficiente na graduação e mais de 90% afirmaram não ter segurança para atuar com essa população nos diversos contextos da

saúde, sendo a falta de conhecimento referida como o principal motivo para este sentimento de insegurança frente ao cuidado da pessoa com TEA, dado consonante com um estudo que verificou que 62,4% dos estudantes de Psicologia avaliaram seus conhecimentos sobre os TEA como insuficientes.²⁴

Evidenciou-se, ainda, em estudo realizado com estudantes de Educação Física, que 62,5% desconhecem o termo TEA e 79,4% dos estudantes afirmaram não ter tido nenhum conteúdo sobre os TEA na graduação.²⁵ Demonstrou-se, também, em pesquisa realizada com 757 estudantes de Medicina, de diversas universidades na Nigéria, que apenas 28,8% presenciaram e participaram da avaliação e manejo clínico de alguma criança com TEA durante o estágio clínico em Pediatria e Psiquiatria.²⁶

Alerta-se, a partir disso, que esse *deficit* de conhecimento sobre os TEA não ocorre somente na Enfermagem, mas, também, em outros cursos, como a Educação Física, a Psicologia e a Medicina, o que aponta para o questionamento se os cursos de graduação, em geral, tratam os TEA como uma temática relevante a ser abordada ainda no contexto de formação dos profissionais de saúde.

Manifesta-se, ainda, *deficit* de conhecimento na temática entre a população graduada, ou seja, mesmo após formada, esta, em sua maioria, não busca se aprimorar. Verificou-se, em estudo realizado com enfermeiros da Estratégia Saúde da Família, fragilidade importante relacionada à temática em virtude de os profissionais não terem conseguido definir o autismo e nem demonstrado vivência no cuidado a pessoas com TEA.⁴

Enfatiza-se que, do total, 98,46% dos participantes afirmaram querer saber mais sobre a temática, entretanto, apenas 7,69% participaram de algum curso ou palestra sobre TEA. Percebe-se certa divergência, pois os mesmos expressam desejo em conhecer mais sobre o tema, porém, não buscam esse conhecimento, o que pode ser observado em um estudo realizado com fisioterapeutas graduados, no qual apenas 20% dos entrevistados referiram ter pesquisado novas informações sobre os TEA.²⁷

Infere-se, em suma, que os resultados desta pesquisa evidenciaram que os estudantes de Enfermagem possuem conhecimento razoável sobre os transtornos autísticos, mas com fragilidades importantes. Faz-se relevante implementar estratégias para abordar essa temática na graduação, como o uso de Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's), já que os meios de

Ferreira ACSS, Franzoi MAH.

Conhecimento de estudantes de enfermagem...

comunicação foram referidos como a principal fonte de conhecimento dos participantes.

Salienta-se que, apesar dos filmes que retratam personagens com TEA não fazer jus à riqueza da experiência real de uma pessoa com transtornos autísticos, tendo em vista a heterogeneidade dessa condição, a combinação de filmes e séries de TV, juntamente com a orientação de profissionais especialistas, pode compor um exemplo atrativo de estratégia educacional nas áreas de saúde.¹⁹

Destaca-se que outra forma de abordagem é o uso de simulação do cuidado à pessoa com TEA por meio da utilização de técnicas e produtos como manequins estáticos, simuladores de alta fidelidade, jogos, programas virtuais ou computadorizados e *role-play* ativo para auxiliar na aquisição da segurança e de experiência clínica.³

Considera-se o uso do *role-play* ativo, em especial, uma estratégia eficaz de ensino e aprendizagem que incentiva a tomada de decisão, a resolução de problemas, o pensamento crítico, a autorreflexão e a gestão de tempo. Exemplifica-se essa estratégia por meio de estudo realizado na Universidade de Midwestern, com a simulação de cuidado a um adolescente com TEA, no qual 96% dos estudantes de Enfermagem afirmaram que o método forneceu um exemplo realista do que esperar ao cuidar de um indivíduo com TEA, uma vez que a oportunidade de participar da simulação, antes do encontro real com o paciente, conferiu-lhes uma grande experiência de aprendizagem e maior segurança para atuar com essa população.³

Acredita-se que este estudo contribuiu para evidenciar o conhecimento dos estudantes de Enfermagem sobre os TEA e refletir sobre a importância de abordar os transtornos autísticos ainda no contexto da graduação, além de incentivar a realização de estudos nessa área, considerando potencialidades e fragilidades identificadas no conhecimento da amostra estudada.

Admite-se, também, que o estudo apresentou algumas limitações, a saber: ter sido realizado em apenas uma Instituição de Ensino Superior; ser baseado em amostra de tamanho reduzido e ter utilizado um questionário de coleta de dados desenvolvido pela própria equipe de pesquisa, uma vez que se carece ainda de instrumentos de pesquisas para avaliar o conhecimento sobre TEA. Destaca-se, dentro os poucos existentes, o questionário *Knowledge about Childhood Autism among Health Workers (KCAHW)*, desenvolvido por uma equipe de psiquiatras e

psicólogos clínicos nigerianos, em 2008, para avaliar o conhecimento de profissionais de saúde em relação aos sintomas e sinais de autismo, porém, ainda não validado para a realidade brasileira.²⁸

CONCLUSÃO

Evidenciou-se, neste estudo, que os estudantes de Enfermagem apresentaram conhecimento razoável, mas, também, fragilidades importantes, principalmente, em relação aos sintomas e tratamento referentes aos dos Transtornos do Espectro do Autismo. Destaca-se, ainda, que mídias e meios de comunicação foram a principal fonte de informação utilizada pelos estudantes na aquisição de conhecimento sobre TEA, o que evidencia o uso de Tecnologias da Informação e Comunicação como uma importante aliada e ferramenta de ensino.

Faz-se oportuno abordar sobre os Transtornos do Espectro do Autismo ainda na graduação, levando em consideração sua prevalência e complexidade, para que, assim, os estudantes de Enfermagem, futuros profissionais, tenham mais segurança e conhecimento para realizar um cuidado ético e baseado em evidências voltado a pessoas com transtornos autísticos nos diversos âmbitos de atenção à saúde.

REFERÊNCIAS

- Gomes PTM, Lima LHL, Bueno MKG, Araújo LA, Souza NM. Autismo no Brasil, desafios familiares e estratégias de superação: revisão sistemática. J Pediatr [Internet]. 2015 [cited 2017 Sept 13];91(2):111-21. Available from: http://www.scielo.br/pdf/jped/v91n2/pt_0021-7557-jped-91-02-00111.pdf
- Rios C, Ortega F, Zorzaneli R, Nascimento LF. Da invisibilidade à epidemia: a construção narrativa do autismo na mídia impressa brasileira. Interface (Botucatu) [Internet]. 2015 [cited 2017 Sept 6]; 19(53):325-35. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v19n53/1807-5762-icse-1807-576220140146.pdf>
- McIntosh CE, Thomas CM, Wilczynski S, McIntosh DE. Increasing Nursing Students' Knowledge of Autism Spectrum Disorder by Using a Standardized Patient. Nurs Educ Perspect [Internet]. 2018 [cited 2018 June 6];39(1):32-4. Available from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/28639981>
- Sena RCF, Reinalde EM, Silva GWS, Sobreira MVS. Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil. Rev Pesqui cuid fundam [Internet]. 2015 [cited 2017 Oct

9];7(3):2707-16. Available from: <http://www.redalyc.org/html/5057/505750947007/>

5. Sena RCF de, Sobreira MVS. Concepções e conhecimentos dos Enfermeiros da Estratégia Saúde da Família sobre Autismo Infantil. J Nurs UFPE on line [Internet]. 2012 [cited 2018 May 10];6(4):954-7. Available from: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/7122/27579>

6. Dartora DD, Mendieta MC, Franchini B. A equipe de Enfermagem e as crianças autistas. J Nurs Health [Internet]. 2014 [cited 2017 Oct 9];4(1):27-38. Available from: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/4304/3506>

7. Carniel EL, Saldanha LB, Fensterseifer LM. A atuação do enfermeiro frente à criança autista. Pediatría (São Paulo) [Internet]. 2010 [cited 2017 Oct 9];32(4): 255-60. Available from: <http://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-610156>

8. Souza LL, Araújo DB, Silva DS, Bêrredo VCM. Representações de gênero na prática de enfermagem na perspectiva de estudantes. Ciênc Cogn [Internet]. 2014 [cited 2017 Oct 9];19(2):218-32. Available from: http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/908/pdf_13

9. Neto AP, Barbosa L, Muci S. Internet, geração Y e saúde: um estudo nas comunidades de Manguinhos (RJ). Comun Inf [Internet]. 2016 [cited 2017 Oct 9];19(1):20-36. Available from: <https://www.revistas.ufg.br/ci/article/view/35602>

10. IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2016 - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) [Internet]. 2016 [cited 2017 Oct 21]. Available from: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101543.pdf>

11. Hansen AN, Tøndevold M, Fletcher-Watson S. Mental health on screen: A DSM-5 dissection of portrayals of autism spectrum disorders in film and TV. Psychiatry Res [Internet]. 2017 [cited 2018 Mar 14];262:352-3. Available from: [https://www.psy-journal.com/article/S0165-1781\(17\)30422-5/fulltext](https://www.psy-journal.com/article/S0165-1781(17)30422-5/fulltext)

12. Lacerda L. Luz, câmera, estereótipo - ação! A representação do autismo nas séries de TV. Revista Espaço Acadêmico [Internet]. 2017 [cited 2018 Mar 14];17(193):13-22. Available from: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/33887/19454>

13. Zanolla TA, Fock RA, Perrone E, Garcia AC, Perez ABA, Brunoni D. Causas genéticas, epigenéticas e ambientais do Transtorno do Espectro Autista. Cad Pos-grad Disturb Desenvol [Internet]. 2015 [cited 2017 Oct 21];15(2):29-42. Available from: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgdd/article/download/11278/7014>

14. Matos IT, Morgado J. School participation of students with autism spectrum disorders. J Res in Spec Educ Needs [Internet]. 2016 [cited 2018 May 10];16(s1):972-7. Available from: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/1471-3802.12240>

15. Bortone ART, Wingester ELC. Identificação do Espectro do Transtorno Autista durante o crescimento e o desenvolvimento infantil: o papel do profissional de Enfermagem. SynThesis Revista Digital FAPAM [Internet]. 2016 [cited 2017 Oct 21]; 7(7):131-48. Available from: <http://periodicos.fapam.edu.br/index.php/synthesis/article/view/133/130>

16. Ebert M, Lorenzini E, Silva EF. Mães de crianças com transtorno autístico: percepções e trajetórias. Rev Gaúch Enferm [Internet]. 2015 [cited 2017 Nov 16];36(1):49-55. Available from: <http://seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/43623/33312>

17. Freitas PM, Nishiyama PB, Ribeiro DO, Freitas LM. Deficiência intelectual e o Transtorno do Espectro Autista: fatores genéticos e neurocognitivos. Pedagog Ação [Internet]. 2016 [cited 2017 Nov 16];8(2):1-11. Available from: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/13140/10287>

18. Ries IL. Grupos virtuais sobre autismo: aspectos culturais e as configurações comunicativas construídas por dispositivos interacionais. Temática [Internet]. 2017 [cited 2018 May 10];13(12):146-63. Available from: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/tematica/article/view/37597/18884>

19. Hansen NA, Øien RA, Fletcher-Watson S. Pros and Cons of Character Portrayals of Autism on TV and Film. J Autism Dev Disord [Internet]. 2018 [cited 2018 May 10];48(2):635-6. Available from: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10803-017-3390-z>

20. Oliveira BDC, Feldman A, Couto MCV, Lima RC. Políticas para o autismo no Brasil: entre a atenção psicossocial e a reabilitação. Physis (Rio J.) [Internet]. 2017 [cited 2018 Mar 10];27(3):707-26. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/physis/v27n3/1809-4481-physis-27-03-00707.pdf>

Ferreira ACSS, Franzoi MAH.

Conhecimento de estudantes de enfermagem...

21. Onzi FZ, Gomes RF. Transtorno do Espectro Autista: a importância do diagnóstico e reabilitação. *Cad Pedagog* [Internet]. 2015 [cited 2017 Nov 21];12(3): 188-99. Available from:

<http://www.univates.br/revistas/index.php/cadped/article/view/979/967>

22. Leite R, Meirelles LMA, Milhomem DB. Medicamentos usados no tratamento psicoterapêutico de crianças autistas em Teresina - PI. *Boletim Informativo Geum* [Internet]. 2015 [cited 2017 Nov 21];6(3):91-7. Available from:

<http://www.ojs.ufpi.br/index.php/geum/article/viewFile/4377/3073>

23. Olschowsky A, Wetzell C, Schneider JF, Pinho LB, Camatta MW. Avaliação das parcerias intersetoriais em saúde mental na estratégia saúde da família. *Texto contexto-enferm* [Internet]. 2014 [cited 2017 Dec 5];23(3):591-9. Available from:

http://www.scielo.br/pdf/tce/v23n3/pt_0104-0707-tce-23-03-00591.pdf

24. Paula CS, Belisário Filho JS, Teixeira MCTV. Estudantes de psicologia concluem a graduação com uma boa formação em autismo? *Psicol teor prá* [Internet]. 2016 [cited 2017 Dec 5];17(3):206-21. Available from:

<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v18n1/16.pdf>

25. Penido LA, Fernandes LA, Ribeiro SRO, Albuquerque MR, Ugrinowitsch H, Lage GM. Conhecimento de graduados e graduandos em Educação Física sobre o Autismo. *Revista da SOBAMA* [Internet]. 2016 [cited 2017 Nov 16];17(2):37-42. Available from:

<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/sobama/article/view/6829/4441>

26. Bakare MO, Tunde-Ayinmode MF, Adewuya AO, Bello-Mojeed MA, Sales S, James BO, et al. Recognition of Autism Spectrum Disorder (ASD) symptoms and knowledge about some other aspects of ASD among final year medical students in Nigeria, Sub-Saharan Africa. *BMC Res Notes* [Internet]. 2015 [cited 2017 Nov 21];8:454. Available from:

https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4574575/pdf/13104_2015_Article_1433.pdf

27. Segura DC, Nascimento FC, Klein D. Estudo do conhecimento clínico dos profissionais da fisioterapia no tratamento de crianças autistas. *Arq Ciênc Saúde UNIPAR* [Internet]. 2011 [cited 2018 Feb 18];15(2):159-16. Available from:

<http://revistas.unipar.br/index.php/saude/article/view/3711/2411>

28. Sampson WG, Sandra AE. Comparative Study on Knowledge About Autism Spectrum Disorder Among Paediatric and Psychiatric Nurses in Public Hospitals in Kumasi, Ghana. *Clin Pract Epidemiol Ment Health* [Internet]. 2018 [cited 2018 Aug 16];14:99-108. Available from:

<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5897989/>

Submissão: 21/08/2018

Aceito: 27/09/2018

Publicado: 01/01/2019

Correspondência

Mariana André Honorato Franzoi
Universidade de Brasília, Campus Darcy Ribeiro
Faculdade de Ciências da Saúde
Departamento de Enfermagem / Asa Norte
CEP: 70910-900 – Brasília (DF), Brasil